



OS LUTOS DE UMA VIDA: POSSIBILIDADES ELABORATIVAS NO ENVELHECIMENTO

Bárbara Camile Becker* (Pesquisadora do Laboratório de psicopatologia fundamental; Departamento de Psicologia; Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR). Maria Virgínia Filomena Cremasco (Orientadora do trabalho; Diretora do Laboratório de psicopatologia fundamental; Departamento de psicologia; Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR). André Victor Machado (Co-orientador do trabalho. Pesquisador do laboratório de psicopatologia fundamental; Departamento de psicologia; Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: barbaracbecker2@gmail.com*

Psicologia na Clínica Contemporânea e novas Sintomatologias

Palavras-chave: Envelhecimento. Luto. Elaboração. Grupo.

O envelhecimento é um fenômeno que traz atrelado a si inúmeros estigmas; aqueles que estão submetidos a ele – ou seja, todos aqueles libertos de uma morte precoce – carregam consigo marcas, não só do tempo, em suas faces e corpos, mas também marcas culturais e de identidade atreladas à sua função social. Simone de Beauvoir, em sua obra “A velhice” (1990), apresentou uma reflexão etnográfica a respeito dos idosos na sua e em outras sociedades, ao longo dos anos. A autora coloca a velhice como, acima de tudo, um fator cultural - da mesma forma como a feminilidade é por ela colocada. Mucida (2004), ao citar Beauvoir, reafirma essa realidade ao trazer alguns elementos da etnografia construída pela autora. De acordo com a pesquisa de Beauvoir, na China antiga, por exemplo, a coletividade tinha como base o respeito aos mais velhos - a cultura exigia a experiência, acima da força. Na Bíblia, contudo, os relatos já não são coerentes entre si: enquanto alguns enaltecem a velhice, outros a colocam como uma lástima. É perceptível na etnografia um contraste na forma como os idosos são vistos em diferentes tempos, o que corrobora para a ideia da velhice como uma categoria social.

Barros e Castro (2002) apontam que não há um período histórico em que a velhice tenha sido respeitada e valorizada por si mesma, mas sempre de acordo com o lugar de poder ocupado na hierarquia social. Os autores também colocam que, na transição do século XIX ao XX, os velhos perdem gradativamente toda aura de nobreza; a improdutividade do velho vem à tona, bem como a visão descendente do ciclo vital (envelhecer e morrer) e a universalização do processo de envelhecer por meio da ênfase na dimensão biológica. Os autores apontam para a criação de um “novo velho”



nesse período, um velho que deve se manter afastado do envelhecimento através de atividades físicas e da manutenção de suas capacidades, de sua “juventude”. O idoso, na sociedade de consumo, é visto como um objeto incômodo, inútil, que é colocado à margem da sociedade e excluído do convívio social. O conceito trazido pelos autores estaria atrelado ao funcionamento da sociedade capitalista, em seus moldes contemporâneos: Conquista-se uma população de velhos consumidores e com poder frente a cena social, ao passo que desmerece e exclui o velho improdutivo, isolado frente ao consumismo, que quando não se esforça para ser “jovem” é inserido na categoria do desleixo, da responsabilização individual pelo seu descuidado.

Diante de uma realidade de exclusão que perdura através das décadas na sociedade, coloca-se como um desafio, especialmente para a psicologia, desatrelar a velhice de sentidos pejorativos, ao passo que permite ao idoso ter um espaço de inserção social. A demanda proveniente da questão do envelhecimento se agrava uma vez que o Brasil tem envelhecido exponencialmente nas últimas décadas. Segundo o Estatuto do idoso (2013), há no Brasil aproximadamente 20 milhões de pessoas de 60 anos ou mais. Em 2025, esse número aumentará em 12 milhões - o que fará o Brasil ocupar o 6º lugar mundial em número de idosos.

Das demandas subjetivas presentes no envelhecimento, as perdas ocupam um lugar destaque, caracterizando uma importante marca circunscrita naqueles que envelhecem. Cocentino e Viana (2011), ao citarem Carvalho e Coelho (2006), enunciam o envelhecer como um processo de enfrentamento de sucessivas perdas, tanto reais como simbólicas. Tais perdas perpassam a morte real de companheiros e amigos, o fim das relações de trabalho, sociais e familiares e alcançam a dimensão do físico, do corpo - muitas vezes tais perdas são vivenciadas concomitantemente.

O presente trabalho situa-se teoricamente no campo da psicanálise e da psicopatologia fundamental, e portanto, falar em perdas significa - para essas abordagens - falar em luto. O luto dentro da perspectiva em questão, em linhas gerais, é caracterizado como a reação a uma perda, a partir da qual o sujeito precisa realizar um trabalho de desinvestimento libidinal do objeto perdido, ou seja, um trabalho no sentido de retirar a energia que foi investida para amar aquele objeto, que agora não mais existe e se encontra impossibilitado de receber essa energia (FREUD, 1915). Outro conceito importante para a compreensão do presente trabalho é o de “elaboração” dentro do contexto do luto, pois elaborar certa perda significa que o trabalho de luto seguiu seu curso e pôde ser concluído: Trata-se de encontrar novo destino à energia excedente, reinvesti-la, integrá-la ao psiquismo. Trata-se também, para a psicopatologia fundamental, de reconstruir a representação do objeto perdido, ressignificar os laços - através das palavras - com esse objeto cuja existência agora é de ordem metafórica (MACHADO, FERRÃO, SEGALLA & CREMASCO, 2017).



A partir das considerações tecidas acima, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma um grupo de idosos – intitulado “Oficina da Palavra” – de um centro de atividades para maiores de 60 anos em Curitiba-PR, pode contribuir para a elaboração dos lutos que decorrem do processo de envelhecimento. O grupo, operativo-terapêutico, tem por objetivo trabalhar conteúdos psíquicos subjetivos dos idosos. A psicanalista mediadora realiza um trabalho de escuta e intervenções psicanaliticamente orientadas. Pretende-se então sanar a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma o grupo “Oficina da palavra” pode contribuir para a elaboração dos lutos que decorrem do processo de envelhecimento? O pressuposto da pergunta de pesquisa, de que há contribuição, foi estabelecido a partir de uma constante participação no grupo (A ser descrita mais adiante como metodologia de pesquisa), a partir da qual foi possível perceber que grande parte dos conteúdos trazidos pelos idosos dizem respeito às perdas do envelhecer e que, apesar disso, o grupo é considerado um grande gerador de bem-estar para os idosos que o frequentam. O grupo enquanto dispositivo de bem-estar pôde ser percebido a partir das falas e testemunhos espontâneos dos idosos.

O presente trabalho é derivado de um projeto de pesquisa intitulado “Luto e envelhecimento: Um projeto de pesquisa com grupos de idosos” aprovado no comitê de ética do Centro Universitário José campus de Andrade (UNIANDRADE) no ano de 2017 sob o CAAE: 69569317.2.0000.5218, estando em decurso desde então. A metodologia utilizada para a coleta de dados é a de observação participante com construção de diários de bordo, aliada a uma revisão não sistemática dos eixos temáticos relevantes para o alcance do objetivo da presente pesquisa. A metodologia de observação participante é descrita por Serva e Junior (1995) como uma situação de pesquisa na qual o processo de coleta de dados é feito no ambiente natural dos observados, que não mais são vistos como objetos de pesquisa, mas sim como sujeitos em interação em determinado contexto. No presente trabalho a observação participante foi utilizada no campo de estudo “Oficina da palavra”, no qual se observou e analisou o grupo em questão, seus indivíduos inseridos nesse contexto, ou, mais especificamente, seus discursos. De acordo com Martins (1996), a observação participante fornece a possibilidade de reduzir a estranheza recíproca no grupo, entre pesquisador e pesquisado, pois o pesquisador compartilha os papéis e hábitos do grupo podendo assim observar fatos, comportamentos e situações que não ocorreriam na presença de um estranho – sem que o pesquisador se esqueça, contudo, de seu lugar de pesquisador. O grupo “Oficina da palavra” acontece semanalmente, com a duração de uma hora, com a presença de cerca de seis idosos - todos cientes e de acordo com o andamento da pesquisa. Os diários de bordo construídos ao longo dos encontros registram os conteúdos que emergem no grupo e a maneira como emergem, com ênfase nos discursos sobre as perdas. Posteriormente, foi feita a triagem desses dados.

Os dados mostraram que as perdas mais presentes nos discursos foram as perdas de pessoas queridas/ cônjuges, perda da plena capacidade física/ independência e perda da perspectiva



de futuro e do sentido da vida. Quando o assunto das perdas emergia nos discursos, a escuta e intervenção psicanaliticamente orientadas da coordenadora, ou seja, escuta e intervenções com o saber do que se trata a elaboração psicanalítica, possibilitaram o lançamento de um novo olhar sobre a perda, de uma nova perspectiva, ressignificada e compartilhada com os demais membros do grupo. Tais abordagens propiciam e podem possibilitar o desencadear de um trabalho psíquico de elaboração.

Além disso, outro dado significativo para o presente trabalho que ficou bastante ressaltado na análise dos dados foi a questão da importância dos vínculos e do lugar de inserção social marcada pelo grupo. Verdi (2010) aponta que a amizade é um antídoto para a solidão, especialmente na velhice, período no qual a perda de vínculos importantes é constante e inevitável. A amizade traz com quem conversar, compartilhar interesses, problemas e perdas. Os idosos que tiverem condições de manter vínculos de amizade, tais vínculos serão para ele fundamentais nesse período da vida. Segundo Altman (2011), ao citar Bianchi (1993), uma das tarefas mais importantes da pessoa idosa é manter os vínculos afetivos, pois isso permite que o aparelho psíquico continue em atividade, ou seja, que continue gerando “fluxos de investimento” (p. 198). O investimento em objetos é a condição da manutenção da subjetividade, e essa manutenção tem papel essencial na qualidade de vida, especialmente da pessoa idosa. Diante dessas colocações, evidencia-se o quanto os vínculos podem ser preciosos para a elaboração das perdas do envelhecimento de um modo geral. Goldfarb (1998) a esse respeito nos diz que, para envelhecer da melhor forma possível, faz-se necessário certo investimento em objetos de amor que evite uma depressão ocasionada por desinvestimento (sucessivas perdas, sucessivos desinvestimentos). É necessário que se mantenha viva as possibilidades de amor, vínculos e paixão.

Outra questão imprescindível a ser ressaltada é a da infantilização do idoso. Segundo Serra (2010), essa é uma forma velada de violência, difícil de ser percebida tanto pelo idoso quanto por quem exerce. A infantilização é o ato de tratar um idoso como se fosse uma criança, tanto na linguagem como nas atitudes e posturas no dia a dia. Ao infantilizar o idoso, priva-o de comandar sua própria vida, o destitui do posto de sujeito e o transforma num objeto que precisa ser cuidado e ter sua vida decidida por ele o tempo todo, pois, segundo essa visão, ele já não é mais capaz. No grupo, os participantes têm suas opiniões, vontades e desejos convocados todo o tempo. Faz-se emergir dali o sujeito que, caso anulado pela infantilização, agora volta expressando suas vontades e tomando consciência de que pode, dentro de suas limitações reais, ter domínio sobre sua própria vida e ter suas vontades e decisões respeitadas e ouvidas. Os encontros, além de proporcionarem os vínculos, são preciosos enquanto lugar de discurso, expressão, e de reconhecimento.

Pôde-se compreender por meio da revisão teórica e do diário de bordo construído que as elaborações das perdas são facilitadas no grupo “Oficina da palavra” por meio de ressignificações



de experiências, afetos, e da própria realidade. Os vínculos se mostraram importantes facilitadores para que o discurso circulasse livremente e para que houvesse a possibilidade de falar sobre os mais variados assuntos. Em diversos momentos foram observadas intervenções, diálogos e associações que possibilitaram a transformação do excesso de energia pulsional, a ligação do afeto em excesso a outras representações e significados. Sob o olhar da psicopatologia fundamental, foi possibilitada no grupo em diversos momentos a reconstrução da representação do objeto perdido, através das palavras os idosos puderam falar sobre suas perdas, fazer as pazes com elas, entender que não estão sozinhos nisso que é o envelhecer. A velhice, como dito introdutoriamente, é uma categoria social que se encontra, face ao capitalismo, marginalizada e excluída frente ao imperativo do novo e do consumo (BARROS E CASTRO, 2002). Retira-se o lugar de discurso do velho, o infantiliza e o priva de sua própria voz (SERRA, 2010). O papel do grupo “Oficina da palavra” e, conseqüentemente dos demais grupos com objetivos similares, fica bastante evidente no que concerne a própria saúde mental do idoso. Recursos que possam dar voz, empoderar e possibilitar ressignificações de vida para esse período da vida são preciosos e cada vez mais necessários frente ao envelhecimento exponencial da população.

REFERÊNCIAS

- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206.
- Barros, R. D. B., & Castro, A. M. (2002). Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. *Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 4.
- Beauvoir, S. de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970. Tradução de Maria Helena Franco Martins.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. (2013). *Estatuto do Idoso* (3a ed.). Brasília: Ministério da Saúde.
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* (Rio de Janeiro), 3(14), 591-600.
- Freud, S. Luto e melancolia (1914-1916). In _____. (1996). *Edição Brasileira Standard da Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, A. V., Ferrão, C., Segalla, G. S., & Cremasco, M. V. F. (2017). Sobre o luto: contribuições da psicopatologia fundamental. In R. S. Peres, R. Hashimoto, M. M. Casadore, & M. V. Braz (Orgs.). *Sujeito contemporâneo, saúde e trabalho: múltiplos olhares*. São Paulo: EDUFSCAR.
- MARTINS, J. B. (1996). Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Seminal: Ciências, Sociedade e Humanidade*, 17(3), 266-273.
- MUCIDA, A. (2004). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. São Paulo: Autêntica.



- SERRA, J. N. (2010). Violência simbólica contra os idosos: forma sigilosa e sutil de constrangimento. *Revista de Políticas Públicas*, 14(1).
- Serva, M., & Jaime Júnior, P. (1995). Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 64-79, 1995.
- Verdi, M. T. (2010). Vínculos: antídoto da solidão. *Revista da SPAGESP*, 11(2).